

Carlo Maria Martini – O itinerário espiritual dos Doze

O ITINERÁRIO ESPIRITUAL DOS DOZE

Quinta Meditação

JESUS EM ACCÃO

A terceira parábola, a do grão de mostarda, também é apropriada a esta situação.

Os apóstolos que estão em torno de Jesus vêem, num determinado momento, que o seu grupo continua muito pequeno, não se desenvolve, muita gente não leva o Mestre a sério. E ele responde às suas mudas interrogações com a parábola do grão de mostarda, da pequena semente. Não tenhais medo diz, o Reino de Deus começa aos poucos. Não queirais pretender grandes resultados; deixai que as coisas se desenvolvam gradualmente: de pequenas sementes, de invisíveis inícios, nascerá o grande sucesso do Reino de Deus.

Em substância, Jesus pede aos apóstolos carta branca; pede confiança absoluta nele: vinde atrás de mim! Vós vedes que as coisas não vão bem e ficais imaginando que tendes um Mestre que arrasta as multidões, mas na realidade eu não sou bem isso. Isso não depende de mim, depende do facto que o Reino de Deus é poder de Deus e portanto se desenvolve com toda a certeza. De pouco, Deus produzirá o muito; do pouquíssimo, desenvolver-se-ão coisas imensas.

Jesus educa os seus e a Igreja primitiva repete este ensinamento aos seus catecúmenos a fecharem os olhos ao que parece realidade porque se vê, e abri-los ao que é; ou seja, à realidade misteriosa do Reino de Deus que está frutificando silenciosamente, enquanto nós não percebemos, e dará o fruto no tempo devido.

Vamos aplicar a nossa reflexão a um episódio da vida de Jesus narrado em Mc 9,14-29. Ele nos mostra o seu modo típico de agir, num momento difícil. Isto é, queremos ver nesta meditação, como Jesus fala, como age, como se move, como se comporta, numa palavra, ***Jesus em acção***.

Mc 9,14-29 é um episódio longo, circunstanciado, que se refere a um momento histórico da vida do Senhor.

Por que era transmitido nas comunidades primitivas com tanta riqueza de pormenores? Podemos arriscar uma hipótese: porque na comunidade primitiva se praticavam muitos exorcismos, alguns dos quais fracassavam. O episódio do menino endemoninhado quer, então, vir ao encontro do insucesso de modo a poder superar o escândalo dos exorcismos falidos. Isso nos mostra que o exorcista não deve estar muito seguro de si, porque também os apóstolos não conseguiram; o exorcista não deve gloriar-se do seu poder porque também ele está sujeito a falhar se não possuir as condições aqui indicadas.

Mas, provavelmente, está presente também algum elemento que faz pensar num reflexo de catequese baptismal; isto é, parece que Marcos ajuda o catequista a indicar alguns aspectos do baptismo. Podemos dividir o episódio em seis partes.

1) Mc 9,14-16. A cena: é construída acuradamente. Através de uma série de imagens visuais desperta-se o interesse do leitor.

Jesus, depois da Transfiguração, desce do monte com os três apóstolos, junta-se aos outros, vê uma grande multidão, os escribas que discutem, o povo que alterca e que, ao vê-lo, corre para saudá-lo. Esta confusão indica a existência de um grave problema que interessa a todos. E Jesus interroga os apóstolos: “O que estais discutindo com eles?”

2) Mc 9,17-18. O caso: o problema é apresentado através da palavra do pai do menino: “Mestre, eu te trouxe o meu filho, que está possesso de um espírito mudo. Quando o domina, deita-o ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica todo rijo. Pedi aos teus discípulos que o expulsassem, mas não foram capazes”.

A cena concretiza-se, assim, num caso difícil. Difícil pela tragicidade, pelo calafrio, pelo mal-estar que produz, e ainda mais difícil porque os apóstolos não conseguiram expulsar o demónio. Começa, desta forma, toda uma discussão sobre a inanidade da pregação apostólica. O caso é muito sério, se se pensa, além disso, que Jesus escolheu os Doze para estarem com Ele, mandá-los pregar e ter poder de expulsar os demónios. Eles fracassaram na sua missão essencial. A sua situação é dramática.

3) Mc 9,19-20. As reacções de Jesus. A primeira (v. 19), configura-se como uma explosão de ira violenta. Ela é verdadeiramente grave, porque parece dizer: “não estou mais no meio de vós”. Parece até que se questiona a permanência de Jesus entre os homens, no mundo. Se não se queixa de todos, queixa-se ao menos do público que o cerca: “Não sois dignos da minha obra”.

Qual é a causa deste grito de desdém, tão ofensivo para as pessoas a que se dirige? A incredulidade, a falta de fé. A mesma constatação de ira, estupor e censura que temos em 6,6 e em 6,14. Jesus, durante toda a sua vida, deve enfrentar semelhante situação de incredulidade. O homem que não confia nele, que não se abandona a ele e não crê no seu amor. A culpa fundamental, a encontramos também nas outras repreensões de Jesus em Marcos, é sempre a incapacidade de abandonar-se ao seu mistério, aquela rigidez que não permite transpor o limiar da fé, da confiança no Senhor.

A segunda reacção (v. 20) parece diametralmente oposta: a calma, o sangue frio de Jesus.

Pelas palavras: “Trazei-o aqui para mim! E o levaram até ele. Logo que viu Jesus, o espírito sacudiu com violência o menino, que caiu por terra, contorcendo-se e espumando”, podemos intuir que Jesus não se altera, mas domina a situação. É importante este tomar as devidas distâncias realizado por Cristo! Para ele não é uma atitude passageira, mas descreve um habitual estado de ânimo.

Diante da crise dos apóstolos e do doente, antes de mais nada Jesus observa com tranquilidade a situação. Vem à mente o que Paulo diz em 1 Cor 7,29-31 quando descreve, as atitudes, da distância cristã, nas situações difíceis. À lista, de São Paulo poderíamos acrescentar: “Quem governa, como se não governasse; quem age pastoralmente, como se não o fizesse”; ou seja, não devemos ser envolvidos pela situação. Devemos aprender a olhá-la, a observá-la à distância.

Como a observa Jesus? Observa-a com *Gestalt*. Esta palavra alemã, intraduzível, significa: levar em consideração todo o conjunto de uma situação, inserindo todo elemento com o seu justo destaque no conjunto. Daqui nasce a constatação de que, geralmente, as formas de degradação psicológica não nascem do facto de que não se veja bem o objecto, mas do facto de não saber enquadrá-lo na situação com a devida distância.

Vemos Jesus que lança precisamente um olhar de *Gestalt*: de relação imagem-fundo, a tudo o que acontece. Ele vê o doente, mas vê também o pai, vê os apóstolos, vê a multidão e coloca tudo no quadro da sua missão.

Assim o olhar de Jesus domina o que acontece. Não se deixa desviar pelo facto particular do menino que rola na frente dele, mas leva em consideração toda a situação.

Como acontece, concretamente, na psicologia humana de Jesus, este separar-se do detalhe e a sua capacidade de considerá-lo no quadro do conjunto? Devemos atentar para uma nota finamente psicológica narrada por Marcos. Jesus não se ocupa com o menino, mas com o pai; ele passa mentalmente de um a outro aspecto da situação.

Que acontece quando nós nos detemos a considerar apenas um aspecto das coisas? Acontece que este aspecto se agiganta e nos hipnotiza. A situação de separação ou distância dá-se quando de um

pormenor se passa ao seu contrário, ou presente ou possível, e por isso se começa a ampliar o quadro da realidade considerada.

Na realidade, que faz Jesus? Vê o menino que grita, espuma, se debate, mas reflecte que **o verdadeiro doente é o pai**. Compreende por isso que o caminho a seguir é outro. Através de uma reflexão atenta e livre encontra o verdadeiro ponto de apoio que é novo, diverso, e no qual ninguém tinha pensado. Os apóstolos haviam-se posto a gritar, a rezar pelo menino, mas tinham começado pela *parte errada*; haviam sido incapazes de ver uma nova abertura na situação.

4) Mc 9,31-34. O colóquio. Jesus começa, pois, o colóquio com o pai; um exemplo de pastoral dialógica. “Desde quanto tempo acontece isso?” A pergunta é muito simples, quase banal, mas é feita em tom cordial que manifesta a participação e que por isso liberta o coração do pai. Ele é precisamente o grande protagonista da situação, ignorado por todos.

E vemos como o coração do pai se desmancha. De uma resposta quase monossilábica: “Desde a infância”, passa, sentindo-se compreendido, a dizer outras coisas. Começa a descrever os sintomas do mal do filho, e depois sai finalmente do seu coração o que constitui o núcleo do problema: “Se podes alguma coisa, ajuda-nos, tendo muita pena de nós!”

Assim chegamos ao momento em que do simples relacionamento com um menino que deve ser curado, se chegou a um coração que pede, que se dirige com humildade ao Senhor para pedir ajuda.

Jesus continua o colóquio e corrige, amavelmente, as palavras muito tímidas do pai, trazendo o jovem para ele: “Disseste, se *podes*; mas tudo é possível a quem crê!” Em outras palavras: estás pedindo alguma coisa que tu mesmo deves começar a fazer. Então o pai comprehende e grita: “Creio, ajuda a minha fé!”

Chegamos ao centro, ao nó, ao ponto verdadeiramente difícil da situação. Jesus, deixando de lado os dados exteriores da realidade, gradualmente e com docura, encontra o fio da meada; ou seja, **começa a curar a incredulidade deste homem**. O grito do pai é muito belo em a sua simplicidade. Diz: “Creio, ajuda a minha fé”. Mostra a abertura, o desejo de ser ajudado, é um humilde acto de fé, e ao mesmo tempo um reconhecimento de estar ainda muito atrás, de ter necessidade de algo mais.

Esta é a admoestaçāo que na comunidade é repetida aos exorcistas imprudentes e fanfarrões: “Cuidado! É necessária muita fé para realizar tão grandes coisas; não acrediteis que sois omnipotentes, mas reconheci a fundo a vossa fraqueza e pedi ajuda”.

Se o episódio na catequese da Igreja primitiva tem um reflexo primário para os exorcistas, tem também com relação à catequese catecumenal. Com efeito, o catecúmeno, diante das exigências muito grandes de Jesus, do mistério do Reino que começa a ver em toda a sua pobreza, a sua dureza, a sua aridez diária, é tentado a desanimar, a se fechar. Mas com este episódio é convidado a não espantar-se com o seu medo, manifestando-o humildemente ao Senhor; é convidado a tirar vantagem também desta sua sofrida pobreza e fraqueza, para fazer disso objecto de humilde oração.

5) Mc 9,25-27. O exorcismo: ele é um exemplo típico no seu género. Existe aí a menção do espírito, a menção de quem faz o exorcismo, a menção do seu poder de mando e a menção do que se pede com autoridade. Segue-se o paroxismo das manifestações do mal no próprio menino, depois o seu cair como morto, e, por fim, a cena de Jesus que o levanta curado.

Em todo o episódio, além do tema do exorcismo propriamente dito, talvez existam também elementos que forneciam ocasiões para uma primitiva catequese baptismal. Não apenas no sentido de que o baptismo liberta o homem do poder de um mal que o fecha aos outros, mas num sentido ainda mais específico.

Com efeito, no v. 26, insiste-se duas vezes no tema da morte: “E o menino ficou como morto, de modo que muitos diziam que estava morto”; e logo depois, no v. 27, são usados os dois verbos clássicos da ressurreição: “Jesus o pega com a sua mão, o levanta e o faz ressurgir”.

O certo é que, com o emprego destes quatro verbos, dois de morte e dois de ressurreição (Cristo morto pelos nossos pecados, e Cristo ressuscitado para a nossa justificação), a catequese primitiva explicava o baptismo como um morrer com Cristo e um ressuscitar com Ele e por virtude dele.

6) Mc 9,28-29. A conclusão: “Quando Jesus entrou em casa, os seus discípulos perguntaram-lhe em particular: Por que nós não pudemos expulsar esse espírito? Ele respondeu: Espírito desse tipo só pode ser expulso pela oração”.

Este ensinamento de Jesus tinha um reflexo múltiplo na catequese primitiva.

Em nível do exorcista, era precisamente o convite a não presumir de si, mas rezar, reconhecer que o poder é de Deus e não próprio.

Em nível de catecúmeno, que se encontra diante de dificuldades aparentemente intransponíveis no seu seguimento do Senhor, estava aí o convite a pensar que somente através da oração, da confiança total nele, poderia superar as próprias dificuldades.

O episódio do menino endemoninhado é, de um lado, algo que diz respeito ao próprio Jesus, apresentado num momento forte da sua vida, enquanto age com desapego, com simplicidade e profundidade na descoberta das causas do mal; de outro, é um ensinamento para a Igreja primitiva e para o catecúmeno que se entregou ao seguimento de Jesus e que assim comprehende como é possível segui-lo com confiança.

O próprio Jesus nos convida a pedir-lhe para obter a força de fazer todas as coisas difíceis, para vencer todas as dificuldades aparentemente intransponíveis que são exigidas de nós, e nos diz que Ele veio ajudar-nos a superá-las.